



SISTEMA SINOCÊNTRICO: A ESTRATÉGIA CHINESA DE RECONFIGURAÇÃO DO SISTEMA INTERNACIONAL

SINOCENTRIC SYSTEM: THE CHINESE STRATEGY FOR RECONFIGURING THE INTERNATIONAL SYSTEM

SISTEMA SINOCÉNTRICO: LA ESTRATEGIA CHINA DE RECONFIGURACIÓN DEL SISTEMA INTERNACIONAL

FLAVIA NICO VASCONCELOS

Pós-doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professora do Curso de Graduação em Relações Internacionais e professora dos Mestrados em Sociologia Política e Arquitetura & Cidades na Universidade Vila Velha (UVV-ES). Endereço eletrônico: flavia.nico@uvv.br

ALÉXIA ZUCOLOTTO FONSECA

Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Vila Velha - ES. Endereço eletrônico: alexiazucolotto@gmail.com

JULIA LIVIO AMARAL

Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Vila Velha - ES. Endereço eletrônico: julialivio01@gmail.com

LUCAS ALEXANDRE DE SOUZA

Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Vila Velha - ES. Endereço eletrônico: lucasalexandre0015@gmail.com

YAN LIMA BOMFIM

Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Vila Velha - ES. Endereço eletrônico: yanlimabomfim@gmail.com.

RESUMO

Este artigo apresentou a estratégia de retomada do protagonismo chinês e o reposicionamento do país no sistema internacional. Para isso, foi traçada uma análise histórica do sistema sinocêntrico desde períodos dinásticos até sua adaptação e aprofundamento por Xi Jinping. Esta estratégia de reformulação e fortalecimento da atual política externa chinesa é traduzida em projetos como a *Belt and Road Initiative* e é fundamentada em três pilares: estratégico, político-econômico, e o simbólico institucional. Buscou-se explorar as ambições geopolíticas da China diante da potencialização do desenvolvimento nacional e da assertividade internacional, e exibir o risco de sua





execução que pode resultar em *debt traps*, devido à alta escala de empréstimos concedidos aos Estados sobrecarregando-os em dívidas.

Palavras-chave: Sistema sinocêntrico; China; Estratégia; BRI; Debt trap.

ABSTRACT

This article presented the strategy of retaking Chinese protagonism and the country's repositioning in the international system. For this, a historical analysis of the sinocentric system was traced from dynastic periods to its adaptation and deepening by Xi Jinping. This strategy of reformulating and strengthening the current Chinese foreign policy is translated into projects such as the Belt and Road Initiative and is based on three pillars: strategic, political-economic, and the institutional symbol. It sought to explore China's geopolitical ambitions in the face of the enhancement of national development and international assertiveness, and to show the risk of its execution which can result in debt traps due to the high scale of loans granted to States, overloading them with debts.

Keywords: Sinocentric system; China; Strategy; BRI; Debt Trap.

RESUMEN

Este artículo presentó la estrategia de retomar el papel de China y reposicionamiento del país en el sistema internacional. Para eso se trazó un análisis histórico del sistema sinocéntrico desde los períodos dinásticos hasta su adaptación y profundización por parte de Xi Jinping. Esta estrategia de reformulación y fortalecimiento de la actual política exterior china se traduce en proyectos como la *Belt and Road Initiative*, y se sustenta en tres pilares: estratégico, político-económico, y el símbolo institucional. Buscó explorar las ambiciones geopolíticas de China ante el potencial de desarrollo nacional y de la asertividad internacional, y mostrar el riesgo de ejecución que puede resultar en *debt traps*, debido a la gran escala de préstamos otorgados a los Estados, sobrecargan con deudas.

Palabras-clave: Sistema sinocéntrico; China; Estrategia; BRI; Debt trap.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, têm-se observado e estudado a onda de crescimento chinesa e a forma com que o país surge como uma nova aposta no sistema internacional, principalmente no que concerne aos campos político-diplomático e socioeconômico. Essa virada vem gradativamente nascendo desde o fim da Guerra Fria, tomando forma, se





aperfeiçoando e estabelecendo novos padrões sob as orientações de Xi Jinping, que retoma diversos princípios levantados pelo líder político Deng Xiaoping.

Esta nova onda de transformações na China é aplicada através de uma estratégia-chave que abarca acordos bilaterais e multilaterais, bem como grandes projetos de conexão do globo, com a *Belt and Road Initiative (BRI)*¹. A BRI alcançou proporções inimagináveis e se apresenta como uma nova carta de apresentação da China ao resto do mundo.

A China está se afirmando como um grande centro polarizador da Ásia. O sinocentrismo é o plano de fundo e referencial para a estratégia de inserção chinesa no sistema internacional, de forma articulada nos pilares da diplomacia e guerra, da matriz simbólica e da história econômica transnacional, caminhando para uma possível nova ordem mundial, frente a atual trazida pelos norte-americanos.

Utilizamos de metodologia descritiva e qualitativa, com fontes secundárias, levantadas por meio de pesquisas bibliográficas através de pesquisa. O artigo está estruturado da seguinte forma: na primeira seção apresentamos a noção de sistema sinocêntrico; na segunda tratamos dos seus principais pilares e como eles se traduzem nas ações de inserção internacional do país; na terceira abordamos as críticas e os desdobramentos que envolvem a estratégia chinesa apresentando casos de *debt traps*²; e nas considerações finais sintetizamos os fundamentos da estratégia sinocêntrica e seus principais reveses.

2. O SISTEMA SINOCÊNTRICO

¹ Também conhecida como Nova Roda da Seda, a Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI) é um empreendimento chinês que comporta uma série de projetos para aproximação dos mercados asiático e europeu através de rotas marítimas, terrestres e subterrâneas e é veiculado como um projeto benéfico para o desenvolvimento logístico e redução de assimetrias de países em desenvolvimento. (PAUTASSO e UNGARETTI, 2017)

² Conceito que remete a ideia de “armadilha da dívida”, onde os países por adquirirem altos empréstimos da China se veem atrelados às suas condicionantes, que nem sempre atendem aos interesses nacionais.





Entende-se por 'sistema', segundo o dicionário Michaelis (2020), "o conjunto metódico de princípios interdependentes, sobre os quais se estabelece uma doutrina, uma crença, ou uma teoria"³. E por 'sinocentrismo' remontamos à concepção etnocêntrica da China, onde se transmite a ideia de que o país é o centro do mundo e a sua volta se encontrariam comunidades menos cultas e selvagens, assim se autodenominando, seguindo a perspectiva de Teiiti Suzuki⁴, "Império do Meio ou Flor do Meio" na região em eras passadas. Sendo assim por Sistema Sinocêntrico, compreende-se um conjunto de concepções correlacionadas que remontam a visão etnocêntrica do país no passado, no intuito de emergir uma nova imagem da República Popular da China e levar, bem como elevar a nação rumo a um novo patamar dentro da ordem internacional vigente.

A ideia do sinocentrismo foi trazida para o período moderno chinês, (já na era de Deng Xiaoping 1978-1992) e adaptada para que se transforme em um mecanismo de integração e inserção do país regional e internacionalmente a longo prazo. Todavia isto só se efetivaria, de acordo com Pautasso (2011), a partir de dois círculos concêntricos: o primeiro trataria da necessidade de recriação de uma órbita de co-prosperidade entre a China e o Sudeste Asiático, Península Coreana e Japão; e o segundo círculo seria composto pela Organização para Cooperação de Xangai (OCX), fundada em 2001, juntamente com países da Ásia Central e Rússia, de maneira a re-projetar uma conexão com o oriente.

Dessa forma, a China, ao se colocar como uma chave central nos movimentos de integração asiáticos, retoma o protagonismo dos períodos dinásticos, que ressurgiu na modernidade, desde os fins da Guerra Fria. Logo se arranjando e se mostrando capaz de assumir esse papel de liderança de forma integrada a grandes decisões.

Vale ressaltar que com o fim da URSS o cenário para esses primeiros passos na época se organizava da seguinte forma: a Rússia perdia seu protagonismo em relação

³ Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sistema/>>.

⁴ Conceitos trazidos pelo autor no trecho do artigo que foi apresentado na Primeira Semana de Letras, realizada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, p. 105-109, out. 1989.





aos países socialistas da região, o Japão gradativamente se afastava do papel de polo econômico da Ásia e os EUA se voltavam ao Oriente Médio. (PAUTASSO, 2017)

Têm-se, com isso, uma lacuna em aberto para o estabelecimento de uma nação forte, lacuna a qual foi muito bem preenchida pela China. A China transformou os fluxos econômicos e de riqueza da região, se fez personagem principal nos canais políticos e diplomáticos quando o assunto era integração regional e promoveu a criação e desenvolvimento dos chamados bancos de fomento, como o Banco Asiático de Investimento em Infraestrutura (AIIB), o Banco de Desenvolvimento da China (CDB), o Banco de Desenvolvimento da Ásia (ADB) e o Banco de Desenvolvimento China-África (CADB). (PAUTASSO, 2017)

Essas e tantas outras iniciativas chinesas se traduzem no desejo do país de abraçar o crescimento da sua influência global, mas sem abandonar seus interesses ligados à região e à integridade do seu território. A busca por equilibrar esses dois pontos, que estão em constante simbiose, se traduz nas parcerias bilaterais, na entrada em blocos e organizações e nos grandes projetos. Ações estas que compõem o seu modelo geoestratégico de atuação e que vem temperar a consolidação do sistema sinocêntrico.

3. A TÁTICA SINOCÊNTRICA MODERNA

O sistema sinocêntrico atual contém uma dialética histórica, isso fica evidenciado no discurso de Xi Jinping quando cita Zheng He, um navegador que durante o governo de Yongle da dinastia Ming (1369-1434) foi responsável por missões náuticas famosas como o auge do sistema sinocêntrico. Há algumas características cruciais a se destacar quando abordamos esse assunto. Hendler (2008) afirma que podemos sintetizar em três vetores as características que permitiram a existência de um sistema de gravitação de países menores ao redor da China entre o século X até o século XV, sendo eles: a diplomacia e guerra, a matriz simbólica e a história econômica transnacional.





A diplomacia e guerra são relativas ao peso militar que a China apresentava na região no período Yuan (1278-1368), cujo líder de estado era o neto de Gengis Kahn, Kublai Kahn. O período de dominação mongol foi marcado pela absorção das forças marítimas da antiga dinastia dos Yuan, usando de tais forças para a expansão territorial.

Já a matriz simbólica é correspondente ao sistema de tributos. Tal sistema consistia na legitimação de líderes estrangeiros para com o Imperador Chinês. Eram dados presentes ao Imperador em troca da legitimação que era concebida em forma de um título, acompanhado com a permissão de participar das rotas comerciais chinesas, mas não só o comércio era inserido nessa cerimônia, alguns líderes utilizavam do aval chinês como legitimidade política para assumir o poder.

Por fim, a história econômica transnacional relaciona-se ao grande fluxo de comércio chinês que em certos períodos chegou até pedaços da África. Tal comércio estimulava não só o crescimento econômico que influía no poder militar, mas gerava fluxos de informação e trocas de bens de luxo. (HENDLER, 2018)

Atualmente, esses três pilares são voltados para a estratégia de projeção da política externa. A política externa atual rompeu com as últimas que eram menos assertivas. Assim, com Xi Jinping a China passa a ser um ator que visa projetar o seu poder e atuar como um moldador do sistema internacional. Isto se traduz de modo bastante evidente no quadro regional com a utilização de bancos de investimentos e uma maior atividade com os países da Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) - os quais, nas últimas décadas, passaram a se tornar deficitários com a China⁵. Ou seja, os três pilares atuais vêm sob uma nova retórica pautada em três alicerces: o estratégico, a economia política e o simbólico institucional. (ASEAN, 2020; VISENTINI, 2011)

O aspecto estratégico funciona com a premissa do *economic statecraft* pelo qual os líderes políticos vão utilizar da economia com fins políticos. A ação é nítida ao abordarmos as *State Owned Interpreses (SOE)* e as *Private Owned Interpreses (POE)*. As primeiras são empresas estatais chinesas, já as segundas são empresas privadas

⁵ Segundo os próprios dados da Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) em 2015, os membros da organização exportaram o equivalente a 134 milhões de dólares enquanto importaram 211 milhões de dólares.





que operam em conjunto com centros de pesquisas chineses recebendo o nome de *undertaken*. Ambas atuam com permissão do partido central chinês em áreas estratégicas sendo uma das características das *POE* a capacidade de transferência de tecnologia e informações para o governo chinês. (FALEIROS et al. 2014; HENDLER, 2018)

O viés político-econômico soma-se com o fato de que de maneira crescente o comércio regional vem se tornando mais regado por produtos chineses, mas não só o regional, mercados da África e da América Latina vem tendo cada vez mais volumes de participação chinesa. Os membros da ASEAN, assim como países da América Latina⁶, vêm se tornando deficitários com a China. Em um primeiro momento, os países da América Latina eram superavitários por conta da exportação de matéria prima para o projeto de urbanização chinesa, mas com o tempo a China passa a exportar para a região bens com maior valor agregado do que as matérias primas, assim, invertendo o fluxo comercial tornando os países deficitários. (HENDLER, 2018; HIRATUKA, 2018; CINTRA e MEDEIROS, 2015)

No tocante ao simbólico institucional vemos a estratégia chinesa de vender uma boa imagem do país. Podemos citar, por exemplo, a disseminação da crença de que o comércio e investimentos dos chineses serão pautados num bom relacionamento e nos princípios de ganhos mútuos *win-win*. Alguns autores chamam, os investimentos chineses como Consenso de Pequim, numa alusão ao Consenso de Washington, mas com uma diferença importante: Enquanto o Consenso de Washington é associado a condicionalidades e interferências políticas, o Consenso de Pequim está livre dessas interferências. (VISENTINI, 2011; HENDLER, 2018)

Vale ressaltar que os três pilares citados anteriormente não agem de maneira separada, são interdependentes. A grande estratégia Chinesa, a BRI, reflete os três pilares. Os investimentos em infraestrutura promovidos por essa iniciativa são vistos

⁶ Pegando os dados de três países da América Latina, sendo eles, Argentina, Colômbia e Bolívia tem-se que as exportações desse país para a China correspondem a 7,4%, 3,5% e 4,2% respectivamente enquanto as importações correspondem a 15,7%, 11,2% e 15% do total de exportação-importação da China com os países da América Latina. Esses dados correspondem ao ano de 2011. Dados retirado do estudo de Carlos Aguiar de Medeiros e Maria Rita Vital Paganini Cintra intitulado "Impacto da ascensão chinesa sobre os países latino-americanos".





pelos parceiros da China como uma política de benefícios mútuos, pois o país receptor de investimentos terá sua infraestrutura melhorada com capital chinês, e em troca recebe empresas chinesas e passa a fazer parte da rota comercial. Com isso soma-se o vetor político-econômico, pois, com o desenvolvimento da infraestrutura, abre-se mão para a venda de serviços chineses, principalmente às empresas contratadas para desenvolver as ferrovias, portos etc., que são majoritariamente chinesas. Assim, vemos o aumento pela demanda de produtos e serviços da China. E o primeiro ponto da estratégia pode ser notado com o aumento da influência no país que recebe o investimento. (FALEIROS et al. 2014; HENDLER, 2018; HIRATUKA, 2018)

4. DESDOBRAMENTOS DA ESTRATÉGIA CHINESA

Projetos internacionais envolvendo uma multilateralidade de países tais como os envolvendo a BRI, conferem à China um novo instrumento de formulação de sua política externa. Como aponta Kaczmarek (2015, p. 3): “O projeto da Nova Rota da Seda fornece a China uma fórmula flexível de diálogo com vários atores, desde os países vizinhos da Ásia Central e do Sudeste, até os países de trânsito do Oriente Médio e os países Europeus”.

Com uma projeção internacional cada vez maior, o país tem se tornado um importante ator no Sistema Internacional, firmando novas parcerias e acordos bilaterais com diferentes países. Porém, o modelo de realização de suas ações tem sido contestado por especialistas que enxergam o crescimento da influência chinesa de maneira negativa e acusam o país de atrair seus aliados para armadilhas financeiras para obterem vantagens sobre estes.

Ribeiro (2017) define a estratégia chinesa como o "modelo de aproximação" e, segundo ele, se diferencia dos investimentos promovidos por países ocidentais. O diferencial dos chineses seriam os objetivos de longo prazo das grandes empresas estatais, através de estrutura de crédito e financiamento. Ademais, os investimentos não





se limitam na exploração de recursos naturais como também aos projetos de infraestrutura.

O apoio chinês no desenvolvimento de grandes projetos e a concessão de empréstimos internacionais possibilitam a ocorrência da “*Debtbook Diplomacy*” (Diplomacia do Endividamento) que, segundo Parker e Chefitz (2018), trata-se de uma prática onde a China concede empréstimos para o desenvolvimento da infraestrutura local em países subdesenvolvidos e, após não conseguirem quitar suas dívidas, os chineses passam a exercer influência na política interna do país devedor ou, até mesmo, conquistar domínio sobre seu território. Assim, a China passa a dominar importantes pontos estratégicos ao redor do globo, como no caso do Sri Lanka.

China e Sri Lanka possuem uma histórica parceria que remonta aos anos 1950 e com o projeto da Nova Rota da Seda, esta se tornou mais acentuada. Pautasso e Ungaretti (2017) exibem que, como parte de evoluir com o projeto da Nova Rota Marítima da Seda⁷, os chineses reforçaram acordos bilaterais para desenvolvimento da infraestrutura no Sri Lanka, em especial a portuária, com destaque para a modernização do porto de Hambantota. Este porto tem localização estratégica ao sul da Índia e oferece ligação direta do sul da Ásia com o continente africano.

Além do investimento no setor portuário, os chineses já haviam investido em um aeroporto e outras obras de infraestruturas no país, como reportam Shepard (2020) e Koigi (2019). Os autores revelam que o Sri Lanka devia aos chineses um montante de aproximadamente \$8 bilhões advindos de investimentos que não geraram o retorno esperado. Com dificuldades em quitar as dívidas, em 2017, o Sri Lanka se viu preso em uma armadilha e teve que ceder aproximadamente 80% do Porto de Hambantota à administração chinesa em um acordo de 99 anos.

Um porto por definição é a porta de entrada para um país, deter o controle majoritário de um porto em outro país pode representar uma importante ferramenta estratégica para os chineses. Esta prática predatória também é exemplificada no caso do

⁷ Empreendimento parte da iniciativa BRI que tem como objetivo aproximar mercados chineses e europeus através de rotas marítimas pelo Mar do Sul da China e Oceano Índico. (PAUTASSO e UNGARETTI, 2017)





Djibouti, país onde se situa a única base militar além-mar chinesa. Foi construída, em 2017, durante um período quando o investimento chinês para a renovação da infraestrutura do país africano atingiu a marca de \$1,4 bilhões. Isso alavancou exponencialmente a dívida externa pública do país africano em um curto período de tempo para entre 70% e 80% do produto interno bruto (PIB) do país. (HURLEY; MORRIS; PORTELANCE, 2018)

Os chineses têm possuído cada vez mais influência sobre a África e reafirmam a sua influência sobre os países asiáticos no espectro da BRI, porém as *debt traps* são expansivas e miram caminho a Europa, como relata Roussi (2019). É o caso dos empréstimos chineses para a construção de uma autoestrada em Montenegro como forma de acesso aos Balcãs europeus e aos países mais pobres do continente.

Segundo Hurley, Morris e Portelance (2018), o caso de Montenegro não se diferencia dos supracitados, pois viu sua dívida pública elevar atingindo valores próximo ao seu PIB após buscar empréstimos para a renovação de infraestruturas com o *Exim Bank*.

Os bancos chineses possuem participação fundamental para a consolidação da movimentação regional e ação estratégica da China no plano internacional, sendo estes criados para fomentar seus canais diplomáticos. O *Exim Bank*, por exemplo, possui grande participação na diplomacia de endividamento chinesa realizando o financiamento de obras no Djibouti e em outros países alvos das *debt traps*, como as Maldivas e Laos.

Além da evolução da participação chinesa nos continentes asiático, africano e europeu para se opor a influência norte-americana nestas regiões, a China tem voltado sua atenção também para a América Latina e Caribe⁸, considerados subcontinentes da continente americano.

⁸ O país oriental tem se aproximado cada vez mais dos países da América Latina através da firmação de acordos bilaterais e aportes financeiros em um momento em que os Estados Unidos da América têm se tornado absente na região ao voltar seus esforços para Ásia e Oriente Médio. Apesar dessa aproximação ser idealizada como uma estratégia de benefício mútuo (*win-win*), críticos exibem preocupações com uma possível ação predatória chinesa. (BRICS POLICY CENTER, 2019)





Em resumo, o pilar estratégico da grande estratégia chinesa é bem evidenciado nos casos supracitados com o aumento da influência de Pequim sobre os países, sendo sua máxima a instalação da primeira base militar Chinesa além-mar em um país alvo de suas *debt traps*. No viés político-econômico é possível observar a crescente dívida dos países com a China, a participação de empresas chinesas no desenvolvimento das ações da BRI e a concessão de empréstimos pelos bancos chineses. Já no que tange a questão simbólica institucional, os investimentos chineses são vendidos a esses países como uma chance de participação nos seus grandes projetos tal como o da Nova Rota da Seda sendo o investimento em infraestrutura considerada uma ação de benefício mútuo pois permite o desenvolvimento logístico do país e o acesso a diferentes pontos estratégicos e mercados pelos chineses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de ascensão da China ganha dimensão na era de Deng Xiaoping, em que se pretendia a retomada do protagonismo dos períodos dinásticos, com as políticas de abertura. Com o fim da Guerra Fria, a China soube aproveitar o vácuo de poder com a desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e passou adotar em sua política externa um caráter mais ativo, pragmático e flexível, impulsionando relações com potências ocidentais e com seus vizinhos. Vale destacar que Xi Jinping alavancou ainda mais o crescimento chinês e se mostra bastante ativo na diplomacia.

Xi Jinping incorporou os princípios do sinocentrismo para estruturar a estratégia de projeção regional e internacional da China contemporânea, que impulsionou ainda mais sua expansão e configurou uma mudança na dinâmica global e nas relações internacionais. Nota-se, portanto, um profundo impacto global com as iniciativas de criação e desenvolvimento de bancos de fomento, investimentos em projetos produtivos e infraestrutura em países de diversos continentes. A estratégia BRI engloba a





interdependência dos pilares estratégico, econômico-político e simbólico institucional, importantes para estender a influência do país.

Vale destacar que existem incertezas acerca das intenções geopolíticas da China. No pilar simbólico institucional, tem-se a tentativa de difusão de uma boa imagem do país pautada em um relacionamento de ganhos mútuos (*win-win*). Em contrapartida, a prática revela o risco da diplomacia de endividamento ocasionando as *debt traps* e a eventual oportunidade de obtenção vantagens sobre seus parceiros. As exemplificações supracitadas dos pilares estratégico e político-econômico evidenciam a contradição da proposta chinesa, uma vez que suas ações predatórias colocam em xeque a proposta *win-win* criando um cenário com países cada vez mais dependentes de Pequim.

Não restam dúvidas, contudo, de que o interesse chinês passa pelo exercício da influência regional e global, conciliando a dualidade em ser um *player* crescentemente ativo e dinâmico nas esferas internacionais, mantendo comunidade e mercados domésticos sob controle e comando de seu regime político.

REFERÊNCIAS

ASEAN. **External Trade Statistics**. Disponível em: https://asean.org/?static_post=external-trade-statistics-3. Acesso em: 20 mai. 2020.

ATUAL inserção da China (RPC) na América Latina e Caribe via Belt and Road Initiative (BRI). 2019. Disponível em: <http://www.bricspolicycenter.org/actual-insercao-da-china-rpc-na-america-latina-e-caribe-via-belt-and-road-initiative-bri/>. Acesso em: 09 jun. 2020.

CINTRA, A. A. D. M. E. M. R. V. P. Impacto da ascensão chinesa sobre os países latino-americanos. **Revista de Economia Política**, S.L, v. 35, n. 1, p. 28-42, janeiro-março/2015. Disponível em: <https://centrodeeeconomiapolitica.org.br/rep/index.php/journal/article/view/212>. Acesso em: 14 set. 2020.

FALEIROS, Rogério Naques *et al.* A Expansão Internacional da China Através da Compra de Terras no Brasil e no Mundo. **Textos & Contextos (porto Alegre)**, [s.l.], v. 13, n. 1, p. 58-73, 26 ago. 2014. EDIPUCRS. Disponível em:





<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/15489>. Acesso em: 07 jun. 2020.

HENDLER, Bruno. **O sistema sinocêntrico revisitado**: a sobreposição de temporalidades da ascensão da china no século XXI e sua projeção sobre o sudeste asiático. 2018. 276 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Economia Política Internacional, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

HIRATUKA, Célio. Mudanças na estratégia chinesa de desenvolvimento no período pós-crise global e impactos sobre a América Latina. **Revista Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 1-25, 11 jun. 2018. Quadrimestral. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rec/article/view/20625/11850>. Acesso em: 07 jun. 2020.

HURLEY, John; MORRIS, Scott; PORTELANCE, Gailyn. Examining the Debt Implications of the Belt and Road Initiative from a Policy Perspective. **Cgd Policy Papers**, Washington Dc, v. 121, p. 1-33, 04 mar. 2018. Diária. Disponível em: <https://www.cgdev.org/publication/examining-debt-implications-belt-and-road-initiative-a-policy-perspective>. Acesso em: 12 mai. 2020.

KACZMARSKI, Marcin. The New Silk Road: a versatile instrument in China's policy. **Osw Commentary**, [s.l.], v. 161, p. 1-9, 09 fev. 2015. Diária. Disponível em: <https://www.osw.waw.pl/en/publikacje/osw-commentary/2015-02-10/new-silk-road-a-versatile-instrument-chinas-policy>. Acesso em: 04 jun. 2020.

KOIGI, Bob. **Belt and Road Initiative**: advancing china's debt-trap diplomacy?. *advancing China's debt-trap diplomacy?*. 2019. Disponível em: <https://www.fairplanet.org/story/belt-and-road-initiative-advancing-china%E2%80%99s-debt-trap-diplomacy/>. Acesso em: 12 mai. 2020.

MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=OWQE>. Acesso em: 07 jun. 2020.

PARKER, Sam; CHEFITZ, Gabrielle. **Debtbook Diplomacy**: China's strategic leveraging of its newfound economic influence and the consequences for u.s. foreign policy. Cambridge: Belfer Center For Science And International Affairs, 2018. 64 p. Disponível em: <https://www.belfercenter.org/sites/default/files/files/publication/Debtbook%20Diplomacy%20PDF.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2020.

PAUTASSO, Diego. China, Rússia e a integração asiática: o sistema sinocêntrico como parte da transição sistêmica. **Conjuntura Austral**, [s.l.], v. 2, n. 5, p. 45-60, 28 abr. 2011. Trimestral. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/18688>. Acesso em: 07 jun. 2020.





PAUTASSO, Diego; UNGARETTI, Carlos Renato. A Nova Rota da Seda e a recriação do sistema sinocêntrico. **Estudos Internacionais**, Belo Horizonte, v. 4, n. 3, p. 25-44, 23 abr. 2017. Quadrimestral. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/estudosinternacionais/article/view/P.2317-773X.2016v4n3p25>. Acesso em: 14 mai. 2020.

RIBEIRO, Valéria Lopes. A expansão chinesa recente e novas determinações do imperialismo no século XXI. **Estudos Internacionais**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 121-140, 25 nov. 2017. Quadrimestral. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/estudosinternacionais/article/view/P.2317-773X.2017v5n1p121>. Acesso em: 04 jun. 2020.

ROUSSI, Antoaneta. China charts a path into European science. **Nature**, [s.l.], v. 569, n. 7755, p. 174-176, maio 2019. Mensal. Springer Science and Business Media LLC. Disponível em: <https://www.nature.com/immersive/d41586-019-01126-5/index.html>. Acesso em: 14 abr. 2020.

SHEPARD, Wade. **How China's Belt And Road Became A 'Global Trail Of Trouble'**. 2020. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/wadeshepard/2020/01/29/how-chinas-belt-and-road-became-a-global-trail-of-trouble/#2c02498d443d>. Acesso em: 12 mai. 2020.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes. A novíssima China e o Sistema Internacional. **Revista de Sociologia e Política**, [s.l.], v. 19, n. 1, p. 131-141, nov. 2011. Trimestral. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31758/20272>. Acesso em: 07 jun. 2020.

